

ENTRE RELEITURA E REESCRITURA: OS ASPECTOS DO ATO DE LER EM DUAS VIAS

Alessandra Fontes Carvalho da Rocha (UFF)
alefcr@yahoo.com.br

Neste trabalho, pretendemos investigar questões relativas à releitura e reescritura no campo da estética da recepção, partindo da análise da leitura do romance e do filme *Balzac e a costureirinha chinesa*, do escritor e cineasta chinês, Dai Sijie. Interessa-nos observar e analisar a capacidade de transformação de uma obra literária; como o romance em questão pode nos ajudar a teorizar sobre questões relativas à estética da recepção; e também em que sentido a intertextualidade presente no romance analisado nos auxilia na construção de idéias referentes à leitura, ato de leitura e construção de sentido a partir dos textos literários.

Para tanto, nossa reflexão parte da concepção de leitura desenvolvida pelo escritor francês Marcel Proust, a qual consideramos como uma premissa fundamental para esse trabalho. De acordo com Proust:

O poder de nossa sensibilidade e de nossa inteligência, só podemos desenvolvê-lo em nós mesmos, nas profundezas de nossa vida espiritual. Mas é nesse contato com os outros espíritos, que chamamos de leitura, que se faz a educação do espírito (Proust, 1993, p. 51).

O escritor francês fala de educação dos “modos” do espírito e trata o ato de leitura como uma ferramenta essencial na formação do ser humano. Mas, como e por que acontece este tipo de formação pela leitura? É a partir deste questionamento que observamos possíveis leituras da história contada por Dai Sijie – a literária e a cinematográfica – além de estabelecer um diálogo entre o romance do escritor chinês e a literatura Balzaquiana. Partimos da premissa abordada no romance, *Balzac e a costureirinha chinesa*, de que os textos literários nos ensinam a viver, perder, morrer. Com a literatura aprendemos a lidar com nossas agonias; através dela nos identificamos com personagens; imaginamos; viajamos; nos transportamos para outras vidas sem sair do lugar e mudamos nossas próprias vidas, assim como acontece com a pequena costureirinha do romance. No início do filme, é notório que na maioria das cenas protagonizadas pela costurei-

Ao final do romance *Balzac et la Petite Tailleuse chinoise* temos no personagem da costureirinha uma nova mulher construída a partir da leitura do pequeno livro de Balzac, *Ursule Mirouët*:

– Ela partiu, ele me disse.

– *Ela quer ir para uma cidade grande, ele me disse, ela me falou de Balzac.*

– E então?

– Ela me disse que Balzac a fez compreender uma coisa: a beleza de uma mulher é um tesouro que não tem preço. (Sijie, 2000, p. 229)

Mas, seria isso possível?

Partimos das reflexões de dois teóricos franceses para tentar elucidar que a leitura não é algo encerrado. A sua compreensão depende de fatores exógenos à própria arte de ler, como por exemplo, a situação social, cultural e as experiências vividas de um indivíduo.

O primeiro, Marcel Proust, ao pensar a questão da leitura, afirma:

A leitura só age à maneira de uma incitação que não pode em nada substituir nossa atividade pessoal. (Proust, 1993, p. 41).

O segundo, Jean-Paul Sartre, acrescenta, em *Qu'est-ce que la littérature*:

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o autor existisse sozinho, ele poderia escrever tanto quanto quisesse, jamais a obra como objeto veria a luz (...) a operação de escrever implica a de ler como o seu correlato dialético (Sartre, 1948, p. 68).

Ou seja, é preciso que haja uma interação constante entre dois pólos – texto e leitor – para que haja literatura. E essa interação se realiza através do ato de leitura. Ora, tanto Proust quanto Sartre anunciam de maneira instigante as idéias de Wolfgang Iser nos dias de hoje, segundo o qual as obras permanecem, mas as interpretações que lhes damos variam, pois, cada vez que há leitura, há atribuição de sentido. E, se por leitura deve-se entender a interação entre o texto e o sujeito, pode-se deduzir que o contexto histórico, cultural e social modificam as perspectivas e as representações que definem o ato de ler. Iser ainda acrescenta que uma obra possui em si uma indeterminação que só a relação com o leitor permite detectar. Assim, o efeito

estético, ou a beleza, resulta do prazer que o sujeito que recebe a obra experimenta ao responder aos apelos contidos na sua estrutura formal, atualizando as potencialidades inscritas na forma do texto, captando a sua indeterminação, preenchendo os seus *vazios* e *negações* (cf. Iser, 1985). Deste modo, o sentido e a beleza não mais são considerados dados do texto, mas surgem da interação que o discurso literário solicita e postula enquanto tal. Ou seja, o que se situa fora da obra é condição da obra; e sua permanência histórica - aquilo que Baudelaire vai chamar de *pólo da eternidade* (cf. Baudelaire) - repousa na pluralidade imanente de suas recepções futuras.

Nesse sentido, a leitura adquire uma função vital, de instrumento de elaboração do sujeito, - tanto criador quanto receptor - já que ela é a via mais eficaz que temos de acesso ao outro, nesse processo único de reflexão interativa que é o ato de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COMPAGNON, Antoine: *Le démon de la théorie*. Paris: Seuil, 1998.

ECO, Umberto: *Sobre a literatura*, Rio de Janeiro, Record, 2003.

———. *Conceito de texto*. São Paulo: Edusp, 1984.

FISH, Stanley: *Como reconhecer um poema ao lê-lo*, Revista Palavra, PUC/RJ, 1993.

ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*, Paris : Gallimard, 1978.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PROUST, Marcel. *Journées de lecture*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est ce que la littérature?* Situations II, Paris: Gallimard, 1948.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.